



ISSN: 2230-9926

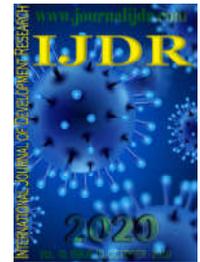
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 10, pp. 41108-41113, October, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.20162.10.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

SAÚDE DO IDOSO: O CONHECIMENTO EXISTENTE SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Sheron Maria Silva Santos^{1*}, Edilma Gomes Rocha Cavalcante², José Cícero Cabral de Lima Júnior³, Keila Teixeira da Silva⁴, Eugenio Lívio Teixeira Pinheiro⁵, Ivo Francisco de Sousa Neto⁶, Rafaella Bezerra Pinheiro⁷, Regina de Fátima Santos Sousa⁷, Felipe Eufrosino de Alencar Rodrigues⁸, Isabele Cruz Luna⁹, Camilla Ytala Pinheiro Fernandes¹⁰, Sara dos Santos Feitosa¹¹, Mairla Medeiros de Souza Cavalcante¹², Maria Adriana dos Santos Santana⁷, Andeson Ellan Tavares Lima¹³ and Dayse Christina Rodrigues Pereira Luz¹⁴

¹Enfermeira. Especialista em docência do ensino superior. Universidade Regional do Cariri – URCA; ²Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri – URCA; ³Educador Físico. Residente multiprofissional em saúde coletiva. Universidade Regional do Cariri – URCA; ⁴Educadora Física. Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO; ⁵Acadêmico de medicina pelo Centro Universitário São Lucas; ⁶Acadêmico de medicina pela Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte – ESTÁCIO FMJ; ⁷Enfermeira. Centro Universitário de Juazeiro do Norte – UNIJUAZEIRO; ⁸Enfermeiro. Especialista em Urgência, Emergência e UTI. Faculdade Integrada de Patos – FIP; ⁹Enfermeira. Especialista em Gestão em Saúde. Universidade Federal da Paraíba – UFPB; ¹⁰Educadora física. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; ¹¹Enfermeira. Especialista em UTI geral e gestão da assistência intensiva ao paciente crítico. Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI; ¹²Enfermeira. Especialista em Saúde da família. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; ¹³Farmacêutico. Residente multiprofissional em saúde coletiva. Universidade Regional do Cariri – URCA; ¹⁴Enfermeira. Pós-doutoranda em Ciências da Saúde. Faculdade de Medicina do ABC – FMABC

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th July, 2020
Received in revised form
06th August, 2020
Accepted 20th September, 2020
Published online 24th October, 2020

Key Words:

Conhecimento; Idoso; IST; Sexo Seguro.

*Corresponding author:

Sheron Maria Silva Santos,

ABSTRACT

Objetivou-se avaliar o conhecimento de idosos acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis e prática de sexo seguro. Trata-se de um estudo de levantamento realizado em fevereiro e março de 2018 com 60 pessoas idosas que frequentavam uma instituição pública do município de Juazeiro do Norte-CE nos dias do forró. Utilizou-se o questionário adaptado da Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP) do Ministério da Saúde, como instrumento de coleta de dados. Evidenciou-se predominância do sexo feminino, faixa etária entre 70 e 79 anos de idade, brancos, viúvos, 1º grau incompleto, aposentados, já tiveram alguma infecção sexualmente transmissível, nunca utilizaram camisinha e os homens entre 60 a 69 e 80 a 89 continuam ativos sexualmente. Constatou-se conhecimento insuficiente dos idosos sobre a prática de sexo seguro e Infecções Sexualmente Transmissíveis, devido ausência do emprego da camisinha durante o ato sexual, carência de identificação das infecções e sua transmissibilidade. Faz-se necessário que os profissionais de saúde realizem ações educativas com o público idoso sobre a temática em discussão, com vistas ao empoderamento e responsabilização das práticas e atitudes a saúde dos sujeitos, minimizando os tabus existentes e qualificando a saúde sexual da pessoa idosa.

Copyright © 2020, Sheron Maria Silva Santos et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Sheron Maria Silva Santos, Edilma Gomes Rocha Cavalcante, José Cícero Cabral de Lima Júnior et al., 2020. "Saúde do idoso: o conhecimento existente sobre infecções sexualmente transmissíveis", *International Journal of Development Research*, 10, (10), 41108-41113.

INTRODUCTION

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), popularmente conhecidas como doenças venéreas, dizem respeito a enfermidades cuja transmissibilidade dá-se, principalmente, pelo ato sexual

desprotegido de preservativo peniano ou vaginal (Brasil, 2017). Antigamente, falava-se bastante em grupos de risco à ocorrência das IST, quando apenas os indivíduos homoafetivos, profissionais do sexo, transplantados e pessoas com tatuagens, eram apontadas como suspeitos dessas doenças

(Andrade, Ayres, Alencar, Duarte & Parada, 2017; Theis & Gouvêa, 2019). Esse pensamento foi sendo modificado ao longo dos anos e, atualmente, entende-se que não existem grupos de risco e sim comportamento de risco ao desenvolvimento das IST (Soares, Silva, Medeiros, Freire & Nogueira, 2017). Dessa forma, campanhas educativas disseminam informações sobre IST e sexualidade, especialmente, ao público adolescente-jovem, jovem-jovem, adulto-jovem e adulto, independentemente de sua escolha sexual, por serem compreendidos como um grupo de pessoas sexualmente ativos (Bastos *et al.*, 2018). Contudo, há necessidade de abordar também o público idoso, devido os estudos mostrarem que a população brasileira está envelhecendo graças ao afastamento, de muitas pessoas, do sedentarismo, através da prática de exercícios físicos, melhorando o estilo de vida, aumentando a perspectiva de vida e não serem indivíduos assexuados (Uchôa *et al.*, 2016; Caetano *et al.*, 2018). Também pela evolução tecnológica que a medicina apresenta nos dias atuais permitir a continuação da atividade sexual, por meio do uso de técnicas e tratamentos para disfunção sexual masculina e feminina, característica esperada nos idosos devido o processo fisiológico advindo do envelhecimento (Araújo, Leite, Hildebrandt, Oliveski & Beuter, 2018). E, principalmente, pelo aparecimento de doenças que, outrora, estavam presentes em ascensão apenas no público jovem, como é o caso das IST, as quais, segundo dados do Boletim Epidemiológico, apresentaram crescente incidência de notificação, com destaque para hepatites virais e infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), em pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2016; Brasil, 2017).

As IST representam um problema de saúde pública que vem atingindo rapidamente pessoas idosas e requer intervenção para tentar reverter o quadro instaurado, tanto pela elevação dos índices de notificação nesse público, quanto pelos elevados custos que estas infecções representam aos cofres públicos, uma vez que o tratamento de algumas IST é fornecido, exclusivamente, pelo Ministério da Saúde como, por exemplo, as medicações para o controle do HIV (Brasil, 2017). Desse modo, aponta-se ser fundamental identificar o nível de conhecimento que os idosos possuem sobre as IST para conduzir as ações e intervenções necessárias na reversão do quadro e melhora da saúde sexual deste público (Souza *et al.*, 2019). Por isso questiona-se: Os idosos possuem conhecimento adequado sobre sexo seguro e IST? A presente pergunta norteou a realização deste estudo que objetivou avaliar o conhecimento que os idosos apresentam sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e a prática de sexo seguro.

MATERIAIS E MÉTODOS

Estudo do tipo levantamento, também denominada Survey, descritivo, de natureza quantitativa, que permite coletar dados e informações de grupos de indivíduos por meio de suas características e opiniões sobre determinado tema (Gil, 2017). O estudo foi desenvolvido durante os meses de fevereiro e março de 2018 em um Centro de Referência do Idoso (CRI), localizado no município de Juazeiro do Norte, Ceará, com 60 idosos, independentes, de ambos os sexos, que frequentavam essa instituição pública para atividade de lazer (dança-forró). O CRI realiza atividades que contemplam as preferências e necessidades do público assistido e conforme dados do sistema de informação da prefeitura municipal de

Juazeiro do Norte, Ceará, no ano de 2017, o estabelecimento contava com 384 idosos, dos quais, segundo a coordenadora do centro, 60 participavam do forró, total que representa a amostra contemplada neste estudo. A amostragem utilizada foi a não probabilística, por conveniência e, por isso, excluíram-se os idosos que não se encontravam no CRI nos dias e horários estabelecidos pela coordenação do centro para realização da coleta de dados e, também, aqueles que apresentavam demência ou que não eram capazes de responder sozinhos aos questionamentos indagados. Ressalta-se que foi considerada pessoa idosa o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, conforme disposto na Lei Nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que trata sobre o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), e que não foram aplicados questionários para identificar a sanidade mental dos participantes.

Para a coleta de dados, foi utilizado o instrumento elaborado pelo Ministério da Saúde no ano de 2013, aprimorado pelas edições de 2004 e 2008, denominado Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP), que permite identificar e conhecer os saberes e comportamentos dos brasileiros sobre as IST. Possui 135 questionamentos objetivos relacionados às IST, dividido em 2 seções: a 1ª se refere ao questionário principal composto por 87 interrogativas divididas em 8 (oito) blocos de A a G – (a) informações sociodemográficas, (b) formas de transmissão de algumas doenças, (c) doenças sexualmente transmissíveis, (d) teste do HIV, (e) teste das hepatites B, C e D, (f1) discriminação e violência, (f2) acesso a preservativos e (g) transição; a 2ª se trata de um questionário de autopreenchimento composto por 48 perguntas direcionadas ao comportamento sexual, experiências sexuais, preservativos e lubrificantes e hábitos e costumes (Brasil, 2016). Diante da complexidade da PCAP, houve a necessidade de retirar e modificar alguns itens do instrumento, adaptando-a ao objetivo proposto pelo estudo e, conseqüentemente, facilitando a abordagem e aceitação dos idosos, tornando a coleta de dados mais objetiva e menos cansativa, podendo ser respondida em um tempo médio de 12 minutos. Neste sentido, o questionário foi adaptado em 30 questionamentos, composto também por 2 seções: (a) Indicadores Sociodemográficos – sexo, faixa etária, etnia, estado civil, escolaridade, ocupação e fontes de informação; e (b) Conhecimento sobre IST – tipos, transmissão, tratamento, profilaxia e participação de momentos educativos – contendo 22 interrogativas. Os resultados foram apresentados em tabelas criadas com o auxílio do software da Microsoft Office Excel 2013 e analisados no formato estatístico descritivo simples, por meio do cálculo da frequência absoluta e relativa dos resultados para melhor visualização, interpretação e metáforização dos achados.

A pesquisa apresentou riscos caracterizados como mínimos, por envolver conteúdos relacionados com a saúde sexual que ainda são considerados pela sociedade como tabus e não submeter os participantes a procedimentos ou experimentos científicos que alterem suas condições fisiológicas e sociais. Os riscos foram amenizados mediante abordagem individual na sala de espera do CRI onde os idosos foram convidados oralmente a participarem do estudo. Após manifestação de desejo em contribuir com a pesquisa, foi solicitado que a pessoa idosa acompanhasse o pesquisador ao consultório de enfermagem do centro, para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aplicação do questionário, proporcionando, assim, a preservação da imagem

e o sigilo das respostas dos participantes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Juazeiro do Norte (UNIJUAZEIRO), sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE) número 86804318.5.0000.5624 e parecer número 2.658.054. Obedeceu aos aspectos éticos e legais das pesquisas que envolvem seres humanos, tomando como base a Resolução N° 466 de 12 de dezembro de 2012, complementada pela Resolução N° 510 de 7 de abril de 2016, ambas do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

Evidenciou-se predominância do sexo feminino (70%-42), faixa etária prevalente entre 70 e 79 anos de idade (55%-33), cor autodeclarada branca (48,4%-29), viúvos (38,4%-23), 1º grau incompleto (43,3%-26), aposentados (93,3%-56), já tiveram alguma IST (11,6%-7), nunca utilizaram camisinha peniana ou vaginal e não possuem atividade sexual (100%-42 das idosas), porém 100% (N=18) dos homens entre 60 a 69 e 80 a 89 continuam ativos sexualmente. Além destas variáveis, os participantes também foram questionados sobre os meios utilizados para sanar dúvidas e interrogativas sobre conteúdos relacionados à saúde, a fim de verificar quais os veículos de comunicação são mais utilizados pelos participantes e, por sua vez, identificar o índice de procura pelos profissionais de saúde.

seguro e/ou IST, 93,3% (N=56), confirmaram vivência em algum evento semelhante, porém, somente no CRI e sempre foram realizadas por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem. No que tange o conhecimento sobre as IST, com o intuito de identificar se os idosos conheciam as doenças que podem ser adquiridas principalmente pelo contato sexual desprotegido e, conforme a PCAP, mesclaram-se itens contendo IST e enfermidades distintas a essa classe de infecções. Estes achados podem ser observados na Tabela 1, que traz o índice de doenças e os meios de transmissibilidade consideradas como sexualmente transmissíveis pelos participantes do estudo. Ao analisar a Tabela 1, constata-se percentuais semelhantes em ambas interrogativas quando vistas sobre o mesmo perfil fisiológico, sendo mais similares os valores respondidos pelas mulheres do que pelos homens. Entretanto, ao relacionar a doença com o meio de transmissão, verificam-se variâncias nos percentuais em ambos os sexos que, embora semelhantes, decrescem conforme a IST mencionada. Dessa forma, identifica-se prevalência do HIV/AIDS como a IST adquirida se uma pessoa tiver relação sexual sem camisinha e como a doença em que uma pessoa pode ser infectada ao compartilhar com outras instrumentos perfurocortantes, representando 86,6% (N=52) e 85% (N=51) dos participantes, respectivamente; esta é seguida por sífilis (66,6%-40; 65%-39) e hepatite (55%-33; 56,6%-34). Chama-se atenção os índices encontrados nas doenças dengue e malária, pois demonstram em média 25% (N=15) e 11,3% (N=11),

Tabela 1. Índice de doenças e meios de transmissibilidade consideradas como sexualmente transmissíveis pelos idosos, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, 2018

Doenças	Qual (is) dessas doenças podem ser adquiridas se uma pessoa tiver relação sexual sem camisinha?		Qual (is) doenças uma pessoa pode ser infectada ao compartilhar com outras instrumentos perfurocortantes?	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
HIV/AIDS	94,4%-17	83,3%-35	88,9%-16	83,3%-35
Sífilis	77,8%-14	61,9%-26	94,4%-17	52,4%-22
Hepatite	50%-9	57,1%-24	61,1%-11	54,8%-23
Dengue	16,7%-3	31%-13	11,1%-2	31%-13
Malária	5,5%-1	23,8%-10	5,5%-1	26,2%-11
Gonorreia	27,8%-5	45,2%-19	22,2%-4	40,5%-17
Nenhuma	27,8%-5	16,7%-7	11,1%-2	16,7%-7

Fonte: Pesquisa convencional (2018).

Tabela 2. Conhecimento dos idosos sobre transmissão das IST, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, 2018

Questionamentos	Opções	Homens	Mulheres
Tomar anticoncepcional ajuda evitar IST: HIV/AIDS, Hepatites, Sífilis, Herpes e Gonorreia.	Concorda	5,5%-1	9,5%-4
	Discorda	55,6%-10	61,9%-26
	Não sabe	38,9%-7	28,6%-12
Uma pessoa pode ser infectada com o vírus da AIDS compartilhando copos, talheres e assentos.	Concorda	55,6%-10	35,7%-15
	Discorda	44,4%-8	45,2%-19
	Não sabe	0%	19,1%-8
Uma pessoa que está tomando medicamento para HIV/AIDS não transmite o vírus para outra pessoa.	Concorda	11,1%-2	21,5%-9
	Discorda	55,6%-10	45,2%-19
	Não sabe	33,3%-6	33,3%-14
"Se você soubesse que há uma pessoa com o vírus da AIDS no local que você ou seus familiares frequentam, você continuaria a andar nesse local?"	Sim	88,9%-16	64,3%-27
	Não	11,1%-2	35,7%-15
"Se você soubesse que uma pessoa com AIDS sentou em um banco da praça ou no assento do ônibus, você sentaria naquele lugar?"	Sim	38,9%-7	40,5%-17
	Não	61,1%-11	59,5%-25

Fonte: Pesquisa convencional (2018).

Dentre os itens internet, jornal, revista, rádio, televisão, família, amigos/vizinhos e profissionais da saúde, sobressaiu-se o item "amigos/vizinhos" (58,3%-35) como o principal meio de informação buscado pelos idosos para assuntos relacionados à saúde sexual, que foi seguido pelo quesito "internet" (18,3%-11) e "família" (11,6%-7). A busca por informação atrelada a profissionais de saúde obteve um índice de apenas 8,3% da amostra total, percentual que representa somente 05 (cinco) participantes. Os idosos foram questionados a respeito da participação de momentos educativos que possuíam como tema central a prática de sexo

concomitantemente, dos sujeitos que acreditam que estas também são IST e que podem ser transmitidas por meio do sexo desprotegido ou por perfurocortantes. Também há de se observar os valores apresentados para a gonorreia, tendo em vista que somente 40% (N=24) do grupo estudado acredita que esta doença pode ser transmitida pela sexo desprotegido. Ainda sobre a transmissão das IST, a Tabela 2 apresenta os índices dos posicionamentos dos participantes conforme sexo, a partir da realização de questionamentos distintos acerca de situações comuns ao dia a dia. Conforme a Tabela 2, verifica-se que os índices se apresentam de maneira distinta entre as opções de

cada questionamento, porém semelhantes quando analisados segundo a prevalência por sexo, exceto para o questionamento sobre o contágio do HIV pelo compartilhamento de objetos, que traz posicionamento diferente entre os perfis dos participantes e, praticamente, opiniões com ausência de predomínio acerca do conteúdo, tendo em vista 55,6% (N=10) dos idosos concordarem com o exposto, ao passo que 44,4% (N=8) destes discordam da afirmativa, assim como 35,7% (N=15) das idosas concordam e 45,2% (N=19) discordam dessa via de transmissão. Nota-se que embora 31,6% (N=19) da amostra desconheça que o uso de anticoncepcional não previne as IST e 33,3% (N=20) que a terapia antirretroviral, até o momento, não cura a pessoa que vive com HIV/AIDS, 60% (N=36) e 48,4% (N=29), respectivamente, demonstram conhecimento acerca dos questionamentos pontuados. Fato interessante também de ser destacado, diz respeito ao elevado índice apresentado no último questionamento da Tabela 2, pois aponta que 60% (N=36) dos idosos não sentariam no mesmo assento utilizado por uma pessoa vivendo com HIV/AIDS. Ao serem questionados se “Uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo vírus da AIDS”, 94,4% (N=17) dos homens e 90,5% (N=38) das mulheres, responderam de forma afirmativa. Contudo, 33,3% (N=6) dos idosos e 26,2% (N=11) das idosas responderam que pessoas que vivem com HIV/AIDS podem ser reconhecidas somente pela aparência física, existindo também àqueles que não souberam contestar a interrogativa e 15% (N=9) da amostra total se manteve com respostas neutras, demonstrando divergência no posicionamento de alguns participantes acerca do reconhecimento da doença. Além disso, constatou-se que a grande maioria dos idosos, de ambos os sexos, sabem que o uso do preservativo é o melhor método preventivo às IST, uma vez que 94,4% (N=17) dos homens e 80,9% (N=34) das mulheres opinaram por esta alternativa, entretanto, 57,1% (N=24) das idosas informaram não possuírem riscos de adquirir alguma IST e 55,6% (N=10) dos homens relatam possuírem risco, porém, baixo. O estudo concretizou ainda que em média 80% (N=48) dos idosos, de ambos os sexos, desconhecem a existência dos testes sorológicos de HIV, Sífilis, Hepatite B e C e que estes são disponibilizados gratuitamente à população brasileira pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Os demais 20% (N=12) já realizaram algum teste rápido em campanhas realizadas nas praças públicas em eventos promovidos pela Secretaria de Saúde do município contra as IST.

DISCUSSÃO

O perfil sociodemográfico dos idosos da pesquisa foi corroborado no estudo realizado com 55 idosos assistidos pelo Centro de Saúde da Família dos Terrenos Novos localizado em Sobral-CE, no âmbito do predomínio da amostra ser composta por pessoas do sexo feminino e serem aposentadas e divergiu-se em relação ao estado civil (casados-58,2%) e faixa etária (60-70 anos de idade-69%) (Bastos *et al.* 2018). A predominância de mulheres pode ser justificada pelo fato de cuidarem mais da saúde e agir, em suma, de forma a prevenir agravos, quando comparadas aos homens. A carência destes nos serviços de saúde é ocorrência antiga e, infelizmente, tal característica ainda perdura nos dias atuais (Guibu *et al.*, 2017). No âmbito da contaminação por alguma IST, o índice de 11,6% (N=7) apresentado no presente estudo chama atenção ao ser comparado com o percentual de amostras positivas de pessoas idosas residentes em Botucatu-SP, para HIV, Hepatite B e Sífilis, que representou 3,4% (N= 13) dos

participantes (Andrade *et al.*, 2017), demonstrando ser elevado o índice de pessoas idosas infectadas no município em análise, requerendo atenção sobre este público a fim melhorar a saúde sexual dos idosos e minimizar o quadro existente. O elevado índice de IST está associado com a baixa adesão ao uso da camisinha peniana ou vaginal e mesmo conhecendo seu papel profilático, os idosos associam sua utilização a desconfiança e deslealdade do(a) parceiro(a), levando-os a um comportamento sexual de risco (Theis & Gouvêa, 2019), fenômeno preocupante, porém, que pode justificar o fato de nenhuma idosa e os homens com idade entre 60 a 70 anos e 80 a 89 anos nunca terem utilizado a camisinha em suas relações sexuais. Atrélado a confiança no(a) companheiro(a), as idosas apontam como motivo que implicam a não adesão do preservativo, a impossibilidade de reprodução, associando seu uso apenas como método anticoncepcional (Souza, Mota, Santos, Silva & Monte, 2016), porém, mais da metade dos idosos de ambos os sexos investigados neste estudo compreendem que o uso de anticoncepcional não previne as IST.

Além disso, há de considerar que a baixa escolaridade apresentada pelos idosos do estudo influencia diretamente em seu conhecimento, atitude e prática e, por sua vez, atua como fator preditivo a ocorrência de doenças e propagação de preconceito (Caetano *et al.*, 2018), aspecto demonstrado pela crença de que uma pessoa que vive com HIV/AIDS pode ser identificada apenas por sua fisionomia (Nardelli *et al.*, 2016), que será contaminada se compartilhar do mesmo assento com uma pessoa que esteja infectada (Brito *et al.*, 2016) ou que IST podem ser adquiridas pela picada de insetos (Cerqueira *et al.*, 2016), confirmando os resultados encontrados na pesquisa. Esta ótica tornam a pessoa idosa vulnerável às IST e os fazem acreditar na nulidade do risco de contraírem alguma infecção relacionada a essa classe de doenças (Aguiar, Leal, Marques, Torres & Tavares, 2020), e pode ser identificado nos estudos realizados com pessoas idosas da Região do Médio Vale do Itajaí-SC ao mencionarem que o risco de contaminação inexistente por possuírem união estável e parceiro único (Theis & Gouvêa, 2019) ou pela ausência de prática sexual, evidência presente nas idosas deste estudo e em 69,1% dos 55 entrevistados idosos de Terrenos Novos, Sobral-CE (Bastos *et al.* 2018). Todavia, embora haja lacunas de saberes relacionados às IST, especialmente sobre as vias de transmissão e métodos profiláticos agregados ao comportamento de risco, que tornam os idosos vulneráveis as infecções, este público apresenta conhecimento considerado como bom por reconhecerem que o HIV é uma IST e compreender os métodos transmissíveis e profiláticos relacionados a sua aquisição (Monteiro, Trajano, Carvalho, Pinto & Trajano, 2016).

Este pensamento é discordado por Uchôa & colaboradores (2016), tendo em vista seus achados demonstrarem que 41% dos idosos entrevistados numa instituição pública especializada na assistência ambulatorial à pessoa idosa em Belém-PA, tinham conhecimento reduzido sobre IST e 42,3% referente aos métodos profiláticos. Sob essa perspectiva, Bastos & colaboradores (2018) identificaram lacunas no conhecimento dos participantes de seus estudos relacionadas a “conceito, transmissão, prevenção, vulnerabilidade e tratamento da Aids e sífilis”, corroborando com os dados encontrados neste estudo. Outrossim, Caetano & colaboradores (2018), apontam que 40 de 72 idosos que compuseram a amostra dos estudos realizados no centro de convivência para

idosos independentes de Jataí-GO, consideraram ter conhecimento ruim sobre HIV. Os autores associam este pensamento a baixa escolaridade dos participantes e mencionam que as informações e atendimentos prestados a pessoa idosa no que concerne à temática em discussão, ainda são precários. Mesmo com a melhora e facilidade da comunicação e acesso à informação, a saúde sexual ainda continua de difícil abordagem por se tratar de um conteúdo que está associado a tabus (Caetano *et al.*, 2018), fazendo com que seja evitado e discutido pela sociedade e, apesar dos idosos acreditarem que os profissionais de saúde são as pessoas adequadas para tratar sobre sexualidade, correspondem à última fonte buscada em caso de dúvidas, questionamentos e desejo por informação (Uchôa *et al.*, 2016), confirmando os resultados encontrados na presente pesquisa. Somado a isso, percebe-se que boa parte dos profissionais de saúde não possui capacitação para falar sobre saúde sexual com pessoas idosas, tem dificuldades de abordar sobre sexo seguro e acreditam que o público idoso é assexuado, por isso, também evitam debater sobre o assunto (Souza *et al.*, 2018).

Considerações finais

Diante das lacunas existentes sobre a identificação de infecções consideradas como sexualmente transmissíveis e os meios de transmissibilidade, constata-se que o conhecimento dos idosos sobre IST é precário, bem como os saberes relacionados a prática de sexo seguro, pois, apesar de reconhecerem a camisinha como o principal método profilático da transmissão de IST, em suma, não utilizam este recurso nas relações sexuais. Destarte, evidencia-se que o público idoso está vulnerável a infecção por tais doenças, tendo em vista o comportamento de risco exercido durante o coito e a crença de inexistência do risco em contrair alguma IST ser um fenômeno predominante entre os participantes. Assim, faz-se necessário que os profissionais de saúde realizem ações educativas com o público idoso sobre sexualidade e IST, por meio da linguagem compreensiva, com vistas ao empoderamento e corresponsabilização das práticas e atitudes em saúde dos sujeitos, minimizando os tabus existentes acerca da temática e qualificando a saúde sexual da pessoa idosa. Embora o estudo tenha sido efetuado com um grupo isolado de idosos, sua concretude demonstra a importância de voltar os olhares para a saúde sexual da pessoa idosa, por continuarem sexualmente ativos e, apesar do tempo vivido, apresentam baixa escolaridade e déficit de conhecimento sobre IST e sexo seguro, requerendo, portanto, que pesquisas com amostras mais significativas sejam realizadas para melhor identificar a realidade local do estudo.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, RB, Leal, MCC, Marques, APO, Torres, KMS, & Tavares, MTDB. (2020). Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2): 575-584.
- Andrade, J, Ayres, JA, Alencar, RA, Duarte, MT, & Parada, CM. (2014). Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. *Acta Paul Enferm.*, 30(1):8-15.
- Araujo, GM, Leite, MT, Hildebrandt, LM, Oliveski, CC, & Beuter, M. (2018). Self-care of elderly people after the diagnosis of acquired immunodeficiency syndrome. *Rev Bras Enferm.*, 71(suppl 2):793-800.
- Bastos, LM, Tolentino, JMS, Frota, MAO, Tomaz, WC, Fialho, MLS, Batista, ACB, Teixeira, AKM, & Barbosa, FCB. (2018). Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8):2495-2502.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento DST, AIDS e Hepatites Virais. (2016). Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira (PCAP). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://www.aids.gov.br/es/node/59392>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. (2016). Boletim epidemiológico HIV/AIDS 2016. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletim-epidemiologico-de-aids-2016>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. (2017). Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais - 2017. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://www.aids.gov.br/en/node/64626>.
- Brasil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2003). Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília: Congresso Nacional, 2003. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm.
- Brito, NMI, Andrade, SSC, Silva, FMC, Fernandes, MRCC, Brito, KKG, & Oliveira, SHS. (2016). Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. *ABCS Health Sci*, 41(3):140-145.
- Caetano, KS, Oliveira, GKA, Santos, GF, Barros, PS, Souza, MR, & Borges, CJ. (2018). HIV/AIDS: conhecimento, atitude e prática da pessoa idosa. *Itinerarius Reflectionis*, 14(4), 01-21.
- Cerqueira, MB, Gonçalves, ME, Lazzarotto, AR, Pereira, MIS, Abreu, ACB, Godinho, VP & Lopes, FA. (2016). Idosos de montes claros (Minas Gerais) e HIV/AIDS: conhecimentos e percepções. *Revista Unimontes Científica*, 18(1): 26-33.
- Gil, AC. (2017). Como elaborar projetos de pesquisa. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Guibu, IA, Moraes, JC, Guerra Junior, AA, Costa, EA, Acurcio, FA, Costa, KS ... Álvares, J. (2017). Características principais dos usuários dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil. *Rev Saude Publica*, 51(2): 1-13.
- Monteiro, TJ, Trajano, LASN, Carvalho, DS, Pinto, LAP, & Trajano, ETL. (2016). Avaliação do conhecimento sobre HIV/AIDS em grupo de idosos através do QHIV3I. *Geriatr Gerontol Aging*, 10(1): 29-33.
- Nardelli, GG, Malaquias, BSS, Gaudenci, EM, Ledic, CS, Azevedo, NF, Martins, VE, & Santos, AS. (2016). Conhecimento sobre síndrome da imunodeficiência humana de idosos de uma unidade de atenção ao idoso. *Rev Gaúcha Enferm.*, 37 (esp): 1-9.
- Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. (2017). Centro de Referência do Idoso oferece serviços de empoderamento às pessoas da terceira idade. Ceará: Juazeiro do Norte. Recuperado de <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Imprensa/Noticias/2017->

- 04-03-Centro-de-Referencia-do-Idoso-oferece-servicos-de-empoderamento-as-pessoas-da-terceira-idade-2709.
- Soares, JP, Silva, ACO, Medeiros, DS, Freire, MEM, & Nogueira, JA. (2017). Prevalência e fatores de risco para o HIV/AIDS em populações vulneráveis: uma revisão integrativa de literatura. *Arq. Catarin Med.*, 46(4):182-194.
- Souza, CL, Gomes, VS, Silva, RL, Santos, ES, Alves, JP, Santos, NR ... & Ferreira, AS. (2019). Aging, sexuality and nursing care: the elderly woman's look. *Rev Bras Enferm.*, 72(supl 2):71-8.
- Souza, MDD de, Mota, LIM, Santos, WN dos, Silva, RAR, & Monte, NL. (2016). Conhecimento dos idosos da estratégia saúde da família em relação ao HIV/AIDS. *RevenfermUFP.*, 10(11):4036-45.
- Theis, LC, & Gouvêa, DL. (2019). Percepção dos idosos em relação a vida sexual e as infecções sexualmente transmissíveis na terceira idade. *R brasili Saúde*, 23(2):197-204.
- Uchôa, YS, Costa, DCA, Silva Junior, IAP, Silva, STSE, Freitas, WMTM, & Soares, SCS. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 19(6), 939-949
